

ARMAS NUCLEARES

HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS*
Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas

A controvérsia que envolve, de um lado, Estados Unidos da América do Norte e principais nações da Europa – França, Inglaterra e Alemanha – e do outro o Irã, em torno do suposto desenvolvimento de armas nucleares pelo país persa, é oportunidade para uma avaliação desses 65 anos de convivência da humanidade com esse tipo de armamento, usado duas vezes, pelos norte-americanos, contra o Japão, em 1945 do século passado, provocando a imediata rendição dos nipônicos.

É importante mencionar que na própria origem das armas nucleares está uma memorável lição que deve ser mencionada sempre que possível: foram dois refugiados do nazismo, de origem judaica – o alemão Einstein e o italiano Fermi – os vultos mais importantes da liderança nuclear alcançada pelos Estados Unidos da América do Norte, que os abrigava.

Por uma ironia em que a história é farta, o mesmo personagem que escalou os píncaros do poder político e militar na Alemanha, ocupando quase que completamente a Europa – Adolf Hitler – não dava a mínima importância à energia atômica. As deformações do seu cérebro achavam que havia uma matemática alemã, uma química alemã e, também, uma física alemã. Como os estudos sobre energia atômica eram desenvolvidos por judeus, o fanatismo fez com que Hitler os desprezasse, o que foi bom para a humanidade.

A liderança norte-americana em armamentos nucleares, revelada ao mundo, pela primeira vez, em 1945, mantém-se até hoje. Liderança não apenas em produzir essas armas letais, como em

transportá-las, através das mais diversas modalidades, e lançá-las em qualquer ponto do globo terrestre. Embora soviéticos, ingleses, franceses, chineses e, ultimamente, paquistaneses e indianos, também tenham armas atômicas.

O que Estados Unidos e nações mais importantes da Europa Ocidental temem é que, proliferando e ficando em mãos de governantes irresponsáveis, as armas atômicas sejam empregadas novamente. Esse raciocínio é aceito pela quase totalidade das nações, sendo poucas as que conseguiram furar esse bloqueio.

Soviéticos (antes da desintegração política da URSS), chineses, ingleses e franceses ingressaram no bloco dos países que têm armas atômicas por serem nações poderosas, contra as quais Washington nada pôde fazer. Paquistão e Índia são países de grande extensão territorial, alinhados com o Ocidente, mas como já estiveram duas vezes em guerra, representam um certo risco.

A crise que envolve Estados Unidos, nações européias e Irã, é agravada pelo fato do país dos aiatolás dispor de informações seguindo as quais o Estado de Israel também tem bombas atômicas.

Mais um componente para complicar uma situação que mantém o mundo em sobressalto, justamente numa área em que o Velho Testamento prevê a ocorrência da “batalha final” (Armagedon).

Humberto Martins.